

O Ensino como entrelugar de vivências

Ana Maria Ribas

A escola desvela, simbólica e materialmente, a própria condição humana ao formar identidades e construir um campo político, que amplia o entendimento sobre o que, de fato, significa ensinar-aprender e reconfigura o papel do professor (e também do aluno) nesse processo. Tal premissa faz reconhecer o ensino e, correlacionada a ele, a prática docente como parte do processo de produção do conhecimento. Isso permite recuperar o nexo de historicidade por meio das vivências dos sujeitos históricos, além de redimensionar o significado da historiografia e da teoria para o nosso ofício. Importa dizer que ambos, mesmo com procedimentos, regras, finalidades e objetivos diversos, formam *territorialidades* que, a um só tempo individuais e coletivas, deveriam garantir a conjunção escola e universidade, ensino e pesquisa, ao invés de compor hierarquias que compartimentam práticas, autonomizam conhecimentos e valorizam um em detrimento do outro.

Sob esses referenciais, temos no dossiê artigos que discutem as conexões ensino-pesquisa sob a lupa de matizadas visões socioculturais. A formação docente como *território* de elaboração de saber(es) e memória(s). A proposta educacional inclusiva a partir da releitura da diversidade/alteridade capaz de configurar novo desenho à escola e ao processo de ensino-aprendizagem. A abordagem teórica metodológica de patrimônio como caminho capaz de oferecer novos *insights* ao ensino de

história e ao professor em sua prática cotidiana. A revisão conceitual da crônica, em prol de um ensino do gênero que aqueça o debate teórico e estimule a prática da leitura e produção. Um projeto educativo na cidade do Rio de Janeiro *vis-à-vis* a desqualificação da educação como aspecto da gestão pública. Por sua vez, a seção de temas livres coloca em pauta como os professores ou podem articulá-los a uma proposta de intervenção social, ou ampliar discussões teóricas e interdisciplinares sob matizes diversas, ou, ainda, reelaborá-los na sala de aula.

A prática docente constrói e reconstrói narrativas que configuram *in loco* um palimpsesto. Palimpsesto que exorta leituras e escritas, percursos e experiências, subjetividades e vivências de *uns e outros* e, assim, possibilita uma perspectiva do ensino que deve instigar a reflexão sobre o entendimento histórico social da contemporaneidade.

Contrapondo-se à reificação da escola, que ainda mantém grosso modo a lógica perversa da desqualificação da docência na Educação Básica, baseada supostamente na reprodução de conteúdos previamente estabelecidos e repetições de livros didáticos, defende-se aqui o professor que lê e produz, que “escova a contrapelo” – parafraseando Walter Benjamin (1987, p. 225) – *saberes e fazeres* em meio àquelas vivências cotidianas que, inscritas em tantos tempos, forjam um *lugar* para a nossa humanidade.

* * *